

História, Política e Narrativa em A Festa do Bode, de Mario Vargas Llosa

Caio Henrique Trentini Urbano

Universidade de São Paulo (Graduado em Comunicação Social –
Habilitação em Relações Públicas), Escola de Comunicações e Artes,
São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0009-0007-6601-3495

Resumo

Esta resenha trata da obra “A Festa do Bode”, de Mario Varga Llosa, e apresenta as dimensões políticas da literatura do autor peruano. A complexa diversidade de núcleos narrativos na obra, característica da escrita de Llosa, contribui para compreensão do governo de Rafael Leônidas Trujillo, na República Dominicana, temática principal do livro que reverbera como aspecto comum aos regimes totalitários.

Palavras-chave

A Festa do Bode; Mario Vargas Llosa; República Dominicana; Narrativas.

Resenha

O peruano Mario Vargas Llosa é um dos seis latino-americanos vencedores do Prêmio Nobel de Literatura, concedido anualmente pela Academia Sueca desde 1901. Em 2010, ano em que Llosa foi vencedor do Nobel “por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revolta e derrota individual” – as aspas são da própria Academia Sueca –, o autor já somava 17 romances publicados.

A consagração de Llosa, que recebeu o maior prêmio literário do planeta aos 74 anos de idade e 51 de carreira, veio acompanhada do reconhecimento do valor e do sentido de suas obras. Desde sua estreia em 1959, com *Os Chefes*, à primeira obra que de fato elevou o nome de Llosa ao patamar de escritor de sucesso, *A Cidade e os Cachorros*, de 1963, o estilo marcante de sua escrita já era evidente.

O engajamento político de Vargas Llosa é, talvez, um dos principais aspectos de sua obra. Atualmente identificado como liberal, o autor peruano já transitou entre diversas ideologias políticas. Llosa foi, aliás, membro do Partido Comunista Peruano nos anos de sua juventude e militava ativamente pelos ideais marxistas. Seu desencanto

com a esquerda e sua debandada à direita foi gradual, ao longo da segunda metade do século passado.

Um dos motivos para o rompimento das relações de Vargas Llosa com Gabriel García Márquez – grande expoente da literatura da América Latina – foi justamente político, para além de uma intriga pessoal, que culminou em um soco de Llosa no rosto de Márquez numa sessão de cinema em Barcelona, em 1976. O espírito latino-americano, regado de calor e sentimentalismo, deu o toque final ao relacionamento entre os dois autores, que divergiam especialmente sobre os rumos da ilha de Cuba após a revolução liderada por Fidel, em 1959.

Os sentidos políticos da obra de Vargas Llosa se expressam na maioria de seus trabalhos, para além da carreira propriamente política do escritor, que foi candidato à presidência do Peru por uma coligação de centro-direita, em 1990. A “cartografia das estruturas de poder”, indicada pelos suecos, de fato é uma das principais características da literatura de Llosa. *Conversa no Catedral*, de 1969, trata dos anos de ditadura do general Manuel Odría – presidente do Peru de 1948 a 1956 – a partir de Santiago “Zavalita”, personagem principal do livro, que se relaciona com o governo militar peruano a partir de diversos âmbitos: como militante comunista e como filho de um empresário ligado ao ditador. É interessante associar a trajetória pessoal de Llosa, que também foi militante político nesse período, com a de Zavalita no romance. As vivências e perspectivas do autor são representadas na sua literatura.

O próprio estilo da escrita de Llosa em *Conversa no Catedral*, em que diferentes camadas narrativas se sobrepõem, indica o sentido da obra: a exploração das diferentes relações políticas peruanas nas décadas de juventude do escritor, e seus reflexos individuais e coletivos. A dimensão política da literatura de Vargas Llosa também está presente em outros romances, como *A Guerra do Fim do Mundo*, de 1981, que tem como temática a Guerra de Canudos, e o mais recente, *Tempos Ásperos*, publicado em 2020, que relata a política da Guatemala em meio à Guerra Fria, na década de 1950.

O rigor histórico do escritor nas obras em que resgata e romantiza cenários políticos latino-americanos é admirável. A riqueza de detalhes na escrita de Llosa é baseada em uma extensa pesquisa, empreendida pelo escritor a cada obra que se propõe

a escrever. Ao contar a história do assassinato do ditador Rafael Leónidas Trujillo, comandante da República Dominicana entre os anos de 1930 e 1961, esse empenho histórico-literário não é diferente. Essa temática deu origem à Festa do Bode, romance publicado em 2000, um dos principais trabalhos de Vargas Llosa.

A construção narrativa do romance – que fornece ao leitor uma verdadeira imersão na política dominicana – se dá a partir de três núcleos narrativos que se entrelaçam no decorrer do livro. O primeiro destes núcleos trata de Urania Cabral – filha de Agustín Cabral, membro do governo de Trujillo e braço direito do ditador –, que retorna ao seu país de origem após 35 anos desde sua fuga para os Estados Unidos. Já o segundo narra um dia da vida de Trujillo: o dia de seu assassinato, em 30 de maio de 1961, enquanto o terceiro núcleo narrativo trata dos militantes que assassinaram Trujillo.

Para além da percepção histórica diversa, que se estende de 1961, ano em que o assassinato ocorre, até a década de 1990, com o retorno de Urania à República Dominicana, a construção narrativa empenhada por Llosa oferece também uma perspectiva ampla acerca do que é um governo ditatorial. A escolha do escritor pela narrativa fragmentada dá o toque genial ao livro, e indica por que Vargas Llosa veio a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura dez anos após a publicação de A Festa do Bode.

Ao ser apresentado à diversidade de núcleos narrativos, o leitor se depara com as diferentes dimensões do poder de um déspota, que se estendem pelo campo político, pelo social e até mesmo pelo sexual – aspecto crucial no desenvolvimento do livro, e fundamental na compreensão da relação entre o machismo o autoritarismo político. Enquanto o cotidiano de Trujillo mostra seus hábitos – e os hábitos daqueles ao seu entorno –, apresenta também os reflexos de suas atitudes no país que era praticamente de sua posse. A imagem pública do ditador, que caminhava sem derramar uma gota de suor em seus pesados trajes militares pelas ruas de Santo Domingo, mesmo no calor abafado do Caribe, é narrada pela própria perspectiva de Trujillo, que agia de acordo com sua autoridade autointitulada.

Já o círculo dos militantes que se preparam para o assassinato do ditador promove uma nova dimensão narrativa, cuja temática é centrada na ação política dos insurgentes, mas que encontra suas raízes na construção dos personagens. Os assassinatos

de Trujillo não se limitam ao seu papel enquanto personagens que apenas se contrapõem à figura do opressor, mas de fato são desenvolvidos no romance a partir de experiências pessoais que justificam sua revolta com o regime dominicano.

É importante assinalar, também, que no romance de Llosa não há vilões e heróis: pelo contrário, a profundidade das personagens impede com que assumam funções narrativas superficiais que as categorizem em uma simples divisão entre bem e mal. Assim, o núcleo do ditador e dos militantes apresenta um cenário realista, principalmente em se tratando de conflitos políticos, ainda mais em meados do século XX.

Enquanto grande parte do romance se passa na década de 1960 – a partir do último dia de vida de Trujillo e das tramas no planejamento do assassinato, com breves *flashbacks* das personagens que compõem o grupo de assassinos –, o núcleo narrativo centrado em Urania Cabral acontece 35 anos depois, com o retorno da personagem a Santo Domingo, capital da República Dominicana, para visitar seu pai, que estava doente.

Em uma primeira leitura, o retorno de Urania contrasta com a realidade da capital entre o período ditatorial de Trujillo e a cidade de três décadas depois do fim do regime. As mudanças ficam claras já no nome da capital, que se chamava Ciudad Trujillo entre 1936 e 1961, e que retornou ao seu nome original, Santo Domingo, após o assassinato do ditador. Entretanto, um olhar mais profundo para a história de Urania oferece mais uma camada narrativa na compreensão do que era o governo de Rafael Leónidas Trujillo.

No decorrer do livro, Urania revela um segredo que guardava desde sua juventude, e que se relaciona diretamente com sua fuga para os Estados Unidos da América, pouco antes do assassinato do ditador. Este segredo aponta para uma compreensão moral dos regimes totalitários, nos quais os donos do poder se sentem donos de tudo o que há. As opressões políticas se transmutam também em opressões individuais, em um cenário em que todos devem se curvar aos desejos do soberano.

A trajetória de Urania, entrelaçada com as histórias dos assassinos e com a narração do círculo mais próximo de Trujillo, compõem uma complexa rede de narrativas, que se influenciam mutuamente ao longo do romance. O brilhantismo de

Vargas Llosa reside precisamente na sua capacidade de compor personagens profundos, que extrapolam seus núcleos narrativos, mesmo que se mantenham dentro deles ao longo da obra. A cartografia de estruturas de poder, de Llosa, é realizada a partir destas diferentes dimensões narrativas em *A Festa do Bode*.

Ademais, é sempre importante lembrar da dimensão metonímica da literatura. Apesar de narrar com detalhes um período específico da República Dominicana, um pequeno país da América Central, Mario Vargas Llosa trata na verdade da universalidade dos regimes totalitários. A leitura de *A Festa do Bode*, além de cativante, é crucial para a compreensão da essência do totalitarismo político e seus reflexos individuais e coletivos. É fundamental, também, como indicativo do poder da literatura na representação da realidade, que não poderia ser tão humanamente retratada nos livros de história como o é na obra de Mario Vargas Llosa.

Referências

LLOSA, Maria Vargas. **Os Chefes e Os Filhotes**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Alfaguara, 2010.

LLOSA, Maria Vargas. **A Festa do Bode**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Alfaguara, 2011.

LLOSA, Maria Vargas. **Conversa no Catedral**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Alfaguara, 2013.

LLOSA, Maria Vargas. **A Guerra do Fim do Mundo**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Alfaguara, 2008.

LLOSA, Maria Vargas. **A Cidade e Os Cachorros**. Trad. Titan Jr e Samuel. São Paulo: Alfaguara, 200.

LLOSA, Maria Vargas. **Tempos Ásperos**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Alfaguara, 2020.

History, Politics and Narrative in *A Festa do Bode*, by Mario Vargas Llosa

Abstract

This review deals with the work “The Festival of the Goat”, by Mario Varga Llosa, and presents the political dimensions of the Peruvian author's literature. The complex diversity of narrative cores in the work, characteristic of Llosa's writing, contributes to the understanding of Rafael Leônidas Trujillo's government in the Dominican Republic, the main theme of the book that reverberates as a common aspect of totalitarian regimes.

Keywords

The Goat Festival; Mario Vargas Llosa; Dominican Republic; Narratives.

URBANO, Caio H. T. História, Política e Narrativa em A Festa do Bode, de Mario Vargas Llosa. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2023, p. 1-6.

Recebido em: 15/12/2023.

Aceito em: 16/12/2023.

